

A Sexualidade Juvenil Numa Perspectiva Sociocultural

Youth Sexuality from a Sociocultural Perspective

La Sexualidad Juvenil Desde una Perspectiva Sociocultural

RESUMO

Objetivo: Analisar a sexualidade juvenil sob uma perspectiva sociocultural, fundamentando-se na teoria de Vygotsky. **Método:** Pesquisa analítico-descritiva, sobre oficinas de sexualidade. **Resultados:** Atividades lúdicas e colaborativas, alinhadas ao contexto sociocultural dos jovens, promovem autonomia, protagonismo e reflexão crítica, contribuindo para a internalização de valores sociais e compreensão da sexualidade. A educação sexual deve ir além de informações biológicas, abrangendo aspectos emocionais, afetivos e sociais. A criação de espaços inclusivos e reflexivos, como sugerido por Vygotsky, permite que adolescentes explorem e discutam a sexualidade sem os tabus culturais e familiares. **Conclusão:** Essa abordagem potencializa a formação integral dos jovens, capacitando-os para a tomada de decisões conscientes e a construção de relacionamentos saudáveis. Por fim, o estudo destaca a relevância de práticas pedagógicas inclusivas que conectam experiências individuais e coletivas, promovendo uma educação sexual transformadora e alinhada aos desafios contemporâneos.

DESCRIPTORIOS: Vygotsky. Teoria sociocultural. Adolescência. Sexualidade.

ABSTRACT

Objective: To analyze youth sexuality from a sociocultural perspective, based on Vygotsky's theory. **Method:** Analytical-descriptive research on sexuality workshops. **Results:** Playful and collaborative activities, aligned with the socio-cultural context of young people, promote autonomy, protagonism and critical reflection, contributing to the internalization of social values and understanding of sexuality. Sex education must go beyond biological information, covering emotional, affective and social aspects. Creating inclusive and reflective spaces, as suggested by Vygotsky, allows adolescents to explore and discuss sexuality without cultural and family taboos. **Conclusion:** This approach enhances the integral formation of young people, enabling them to make informed decisions and build healthy relationships. Finally, the study highlights the importance of inclusive pedagogical practices that connect individual and collective experiences, promoting transformative sex education that is aligned with contemporary challenges.

DESCRIPTORS: Vygotsky. Sociocultural theory. Adolescence. Sexuality.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la sexualidad juvenil desde una perspectiva sociocultural, a partir de la teoría de Vygotsky. **Método:** Investigación analítico-descriptiva sobre talleres de sexualidad. **Resultados:** Las actividades lúdicas y colaborativas, alineadas con el contexto sociocultural de los jóvenes, promueven la autonomía, el protagonismo y la reflexión crítica, contribuyendo a la interiorización de valores sociales y a la comprensión de la sexualidad. La educación sexual debe ir más allá de la información biológica, abarcando aspectos emocionales, afectivos y sociales. La creación de espacios inclusivos y reflexivos, como sugiere Vygotsky, permite a los adolescentes explorar y discutir la sexualidad sin tabúes culturales y familiares. **Conclusión:** Este enfoque mejora la formación integral de los jóvenes, permitiéndoles tomar decisiones informadas y construir relaciones saludables. Finalmente, el estudio resalta la importancia de prácticas pedagógicas inclusivas que conecten experiencias individuales y colectivas, promoviendo una educación sexual transformadora y acorde a los desafíos contemporáneos.

DESCRIPTORIOS: Vygotsky. Teoría sociocultural. Adolescencia. Sexualidad.

RECEBIDO EM: 11/02/2025 APROVADO EM: 01/03/2025

Como citar este artigo: Chabo SPG, Martins JL. A Sexualidade Juvenil Numa Perspectiva Sociocultural. Saúde Coletiva (Edição Brasileira) [Internet]. 2025 [acesso ano mês dia];15(95):15872-15885. Disponível em: DOI: 10.36489/saudecoletiva.2025v15i95p15872-15885

**Samia Ponciano Gabriel Chabo**Mestre. Universidade Federal do Tocantins
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6698-9807>**José Lauro Martins**Doutor. Universidade Federal do Tocantins
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7817-8165>

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos adolescentes é um processo complexo, altamente influenciado por fatores históricos, sociais e culturais. Nessa fase, a transição entre a infância e a vida adulta marca um período de descobertas e conflitos, incluindo o despertar da sexualidade, o que exige que o jovem equilibre seus novos impulsos com as expectativas sociais e culturais impostas pela sociedade¹. O desenvolvimento psicológico dos adolescentes deve ser entendido à luz do contexto sociocultural, no qual a escola e a família desempenham papéis fundamentais, especialmente ao oferecerem estruturas para que os adolescentes explorem e compreendam suas próprias identidades em relação às normas de comportamento vigentes².

No cenário escolar, a imaginação lúdica emerge como um elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens, fornecendo uma base para a formação de pensamentos abstratos e a exploração de realidades que vão além do desenvolvimento imediato. Vygotsky² defende que atividades lúdicas e interativas estimulam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, possibilitando que os adolescentes expressem seus pensamentos e emoções de maneira criativa e reflexiva. No contexto da sexualidade, esse processo lúdico permite a experimentação e a negociação das normas culturais, possibilitando que os jovens internalizem valores sociais e experimentem sua sexualidade de maneira segura e imaginativa^{3,4,5,6}.

A perspectiva sociocultural de Vygotsky sobre o desenvolvimento evidencia o papel da educação no atri-

moramento do pensamento conceitual e crítico dos adolescentes. Ele sugere que, ao mediar o acesso a conceitos científicos e discussões críticas, os educadores podem ajudar os adolescentes a transitarem de um pensamento concreto para o conceitual^{1,2}. Esse processo não só apoia o desenvolvimento cognitivo, mas também promove um ambiente de reflexão, essencial para que os jovens compreendam e lidem com temas complexos, como a sexualidade e os relacionamentos. Assim, o papel da escola ultrapassa o ensino acadêmico, tornando-se um ambiente de mediação de expectativas e valores sociais que impactam diretamente o desenvolvimento integral dos adolescentes⁷.

Entretanto, apesar da importância da educação sexual no desenvolvimento dos adolescentes, ainda existem resistências significativas no ambiente escolar e familiar em abordar a sexualidade como um tema legítimo e necessário. A educação sexual, fundamentada na diversidade e no respeito às vivências individuais, é crucial para o empoderamento dos jovens e para a promoção de sua saúde e bem-estar. Ao abordar a sexualidade de forma lúdica e pedagógica, é possível criar um ambiente seguro no qual os adolescentes possam explorar e discutir questões relacionadas a seus corpos e desejos, sem os tabus e preconceitos que muitas vezes inibem o diálogo aberto sobre o tema^{7,8,9,10}.

Com a teoria de Vygotsky e da compreensão do contexto sociocultural, busca-se identificar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento saudável da sexualidade nos adolescentes, respeitando suas vivências e oferecendo uma base educativa que contribua para sua formação integral. Nesse

sentido, este artigo tem como objetivo analisar a sexualidade juvenil sob uma perspectiva sociocultural, fundamentando-se na teoria de Vygotsky.

MÉTODO

O presente estudo é resultado parcial de uma pesquisa analítico-descritiva¹¹ foram analisados recortes de uma oficina sobre sexualidade voltada para adolescentes, realizadas no ano de 2004 em Palmas, Tocantins: a) Folder informativo sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs); b) Material informativo 'JÁ TÁ LIGADO?'

A análise teórico-conceitual do presente estudo se baseou na premissa de que a teoria de Vygotsky enfatiza a importância das interações sociais e do contexto sociocultural no desenvolvimento cognitivo, destacando que o aprendizado ocorre por meio da mediação entre o indivíduo e seu ambiente social¹².

RESULTADO

No processo de criação de um folder informativo sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) (Figura 1), os adolescentes vivenciaram uma experiência significativa de educação entre pares. Esta vivência permitiu que os adolescentes assimilassem informações relevantes sobre o tema, e protagonizassem a construção e disseminação de conhecimento de saúde, alinhando-se a uma abordagem ativa de aprendizagem.

Figura 1. Folder sobre doenças sexualmente transmissíveis



Fonte: arquivo da pesquisadora

O aprendizado mediado pelas interações corrobora com a criação de espaços como o informativo 'JÁ TÁ LIGADO?',

onde os adolescentes exercitam a autoexpressão e refletem sobre a própria sexualidade de modo coletivo e contextualizado (Figura 2).

Figura 2. Conteúdo informativo produzido pelos adolescentes



Fonte: arquivo da pesquisadora

DISCUSSÃO

Uma perspectiva sociocultural sobre a adolescência

A perspectiva sociocultural sobre a adolescência ressalta a influência do contexto histórico, cultural e social no desenvolvimento do jovem, posicionando-o na interseção entre o indivíduo e seu ambiente. Diferente da visão que busca uma 'verdade' universal sobre essa fase da vida, esta abordagem reconhece a adolescência como uma construção social que emerge de contextos específicos. A ideia de adolescência, portanto, varia conforme o tempo e o espaço, sendo moldada por diferentes normas, valores e expectativas sociais^{9,13,14}.

Vygotsky oferece uma análise detalhada das mudanças que ocorrem na adolescência, destacando as transformações simultâneas nas esferas física, emocional e social. Para ele, a adolescência é uma 'idade de transição' em que as mudanças são moldadas tanto por fatores biológicos quanto pelo ambiente cultural e histórico em que o jovem está inserido, afetando diretamente sua compreensão e expressão da sexualidade. Essa perspectiva reconhece que o desenvolvimento sexual, assim como outros aspectos do crescimento, é profundamente influenciado por normas culturais e pelo meio social^{2,15}.

Ao contrário da visão tradicional que associa a adolescência a um período de 'tempestade e estresse', que demandaria controle social e intervenções educacionais, a perspectiva sociocultural ressalta a capacidade dos jovens de participarem de maneira ativa em seu desenvolvimento. Essa abordagem valoriza o potencial dos adolescentes quando inseridos em ambientes escolares que oferecem relações de apoio e experiências de ensino-aprendizagem ricas e desafiadoras, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo e emocional^{14,16,17}.

No início do século XX, Vygotsky já destacava o papel da escolaridade no desenvolvimento cognitivo dos adolescentes, argumentando que o acesso e o

engajamento com o aprendizado mediado possibilitam o desenvolvimento do pensamento conceitual. Ele defendia que a integração entre imaginação e pensamento conceitual ajuda os jovens a se prepararem para agir e pensar de maneira criativa e crítica, não restrita ao concreto^{1,2}. Esse processo é essencial para que os adolescentes desenvolvam a capacidade de imaginar futuros sociais mais equitativos e desafiar estereótipos frequentemente associados à adolescência⁷.

Por outro lado, Vygotsky também criticava a desigualdade na escolarização, apontando que as escolas, muitas vezes, oferecem experiências distintas com base em fatores como classe social, gênero e capacidades individuais². Para ele, embora o potencial dos jovens possa ser enriquecido por experiências de aprendizagem mediada, o contexto escolar muitas vezes falha em oferecer oportunidades equitativas. Essa análise evidencia a necessidade de repensar práticas educacionais que superem estereótipos e promovam a inclusão, possibilitando que os jovens se tornem protagonistas na construção do conhecimento e na sociedade⁷.

Além disso, o acesso a oportunidades de brincadeiras imaginativas é uma ferramenta vital no desenvolvimento juvenil, pois permite que os adolescentes pratiquem o pensamento além do contexto imediato. Ao explorar cenários e possibilidades além de suas realidades, os jovens desenvolvem habilidades importantes para a crítica e o questionamento dos modelos culturais e das representações da adolescência propagadas pela mídia. Essa prática favorece uma compreensão mais ampla de si mesmos e do mundo, essencial para a formação de indivíduos conscientes e reflexivos^{7,18,19}.

Ainda que abordagens recentes na pesquisa psicológica proponham o estudo das influências históricas e culturais no desenvolvimento dos jovens, essa era uma perspectiva central para Vygotsky quase um século atrás. Estudos contem-

porâneos corroboram a importância de uma visão multidisciplinar e contextualizada do desenvolvimento adolescente, promovendo um entendimento que vá além do indivíduo descontextualizado e que considere os jovens em sua relação com os ambientes históricos, sociais e culturais que os cercam^{18,19}.

A criação de um folder informativo reflete a teoria de Vygotsky, que valoriza o aprendizado mediado pela interação social e considera o ambiente cultural como central para o desenvolvimento cognitivo²⁰.

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre no contexto de interações sociais, onde o conhecimento é construído coletivamente e mediado por outros, incluindo pares¹⁵. No caso da elaboração do folder, os adolescentes assumiram o papel de protagonistas, comunicando e ensinando seus próprios pares. Esse formato de educação entre pares reforça a importância de práticas colaborativas e de troca de conhecimento em um ambiente sociocultural. Ao se colocarem na posição de educadores, os jovens exercitam habilidades como responsabilidade e autonomia, desenvolvendo uma postura crítica e consciente sobre o tema da saúde sexual.

Além disso, essa metodologia promove uma comunicação mais acessível e direta entre adolescentes, pois os materiais foram elaborados com uma linguagem adaptada ao público-alvo. Ao utilizar uma linguagem familiar e adaptar o conteúdo à realidade e aos interesses dos pares, os jovens podem tornar a mensagem mais relevante e compreensível¹⁴. Esse processo destaca o valor de dar aos adolescentes um papel ativo na educação em saúde, permitindo que eles reflitam sobre suas próprias experiências e compartilhem conhecimentos de uma maneira que promova uma compreensão mais profunda entre eles¹⁷.

Outro aspecto importante dessa atividade é o fortalecimento da autonomia e da responsabilidade sobre a própria saúde, ao mesmo tempo em que promo-

ve uma visão mais equitativa sobre o papel dos adolescentes na sociedade. Essa abordagem possibilita que os jovens se percebam como agentes de mudança e promotores de saúde em sua comunidade, o que reforça a construção de papéis sociais mais inclusivos e responsáveis¹⁵.

Assim, ao explorar as influências sociais e culturais sobre o desenvolvimento juvenil e envolver os adolescentes em práticas de ensino entre pares, essa experiência educativa corrobora uma perspectiva sociocultural da adolescência^{1,2}. Esse enfoque ressalta a importância de metodologias que promovam o protagonismo juvenil, valorizando a voz e a experiência dos próprios jovens na construção do conhecimento e na promoção de práticas de saúde. Dessa forma, é possível fomentar uma compreensão mais inclusiva e transformadora sobre a adolescência, preparando os jovens para participarem ativamente na sociedade com uma base sólida de conhecimento e responsabilidade.

A educação sexual como um pilar sustentável para a saúde na adolescência

A educação sexual como um pilar sustentável para a saúde na adolescência destaca a necessidade de uma abordagem abrangente e efetiva da educação sexual para adolescentes. Tal abordagem contribui para práticas sustentáveis de saúde, promoção do bem-estar e empoderamento dos jovens, capacitando-os a tomar decisões informadas sobre saúde e relacionamentos. A compreensão da estrutura familiar como primeiro grupo social influencia a formação pessoal, pois, a família atua como um sistema interativo e como uma força social, moldando comportamentos e influenciando o desenvolvimento da personalidade^{21,22}.

A sexualidade é um componente essencial do ser humano e emerge na adolescência como uma expressão biológica, psicológica e social, influenciada por crenças pessoais e valores culturais. Esse tema, contudo, é frequentemente

negligenciado no ambiente escolar e familiar, onde ainda persiste o tabu em discutir sexualidade abertamente²³.

Por sua vez, a educação sexual, deve abranger mais do que apenas informações sobre anatomia e prevenção a doenças, gravidez e outros temas, mas deve incluir também aspectos emocionais, afetivos e sociais, para promover assim, uma compreensão integral da sexualidade. Ao serem incentivados a compartilhar experiências e discutir abertamente seus pensamentos, os adolescentes não só adquirem conhecimento, mas também desenvolvem habilidades essenciais, como a tomada de decisões informadas e a comunicação assertiva. Esse processo ajuda na construção de uma autonomia crítica e empoderada, importante para lidar com questões sexuais de forma responsável e segura²⁴.

Vygotsky afirma que, ao ignorar a sexualidade na educação, escolas frequentemente reprimem manifestações naturais, o que pode resultar em traumas e neuroses entre os jovens. Além disso, ele destaca que a sexualidade não é exclusiva da adolescência; ela emerge na infância e evolui até o amadurecimento, sendo moldada por fatores culturais. Nesse contexto, uma educação sexual inclusiva é essencial para oferecer acolhimento e compreensão da diversidade cultural e das experiências individuais dos jovens²⁵.

A teoria de Vygotsky embasa essa abordagem ao enfatizar que o aprendizado ocorre de forma mais eficaz quando construído a partir das interações sociais e das experiências pessoais dos indivíduos^{1,2,25}. Segundo Vygotsky, as experiências cotidianas dos adolescentes constituem o 'saber que não passa pela experiência pessoal', o que o torna fundamental no desenvolvimento humano.

Na educação sexual, esta implícita a necessidade da abertura de espaços para que adolescentes reflitam criticamente sobre suas próprias vivências e desejos, evitando uma postura pedagógica moralizante e promovendo uma educação

que permita o autoconhecimento e a compreensão das diferentes expressões de sexualidade²⁶. Essa postura encontra eco nas ideias de Vigotsky, que afirma a importância de respeitar e incluir a experiência individual e coletiva dos alunos em práticas educativas, reforçando a ideia de que o conhecimento é válido e enraizado quando associado à realidade dos educandos²⁵.

Estudos contemporâneos destacam a importância de uma abordagem de educação sexual que vá além da transmissão de conhecimentos biológicos, incluindo aspectos emocionais, afetivos e sociais^{23,27,28}. Diversas metodologias sugerem que a educação sexual deva ser um processo participativo e reflexivo, permitindo que os adolescentes reflitam sobre normas, valores e papéis de gênero. A falta de preparo dos pais e professores para abordar a sexualidade leva os jovens a buscarem informações de fontes não confiáveis, o que aumenta o risco de desinformação^{24,29}.

A educação sexual adequada oferece aos adolescentes as habilidades necessárias para lidarem com transformações físicas e emocionais, além de desenvolverem comunicação assertiva e atitudes responsáveis^{29,30}.

Ela fortalece o senso de autonomia, permitindo que jovens façam escolhas informadas e contribuindo para a prevenção da violência de gênero e promoção de igualdade^{23,27}. Assim, a educação sexual promove uma compreensão integral da saúde e bem-estar, capacitando adolescentes a interagirem de forma segura e responsável com sua própria sexualidade e a de outros, além de prevenir comportamentos de risco e cultivar uma autoestima sólida.

Assim, uma estratégia que integre adolescentes como multiplicadores de informações fortalece seu papel no desenvolvimento social, estimulando o protagonismo em seu próprio crescimento e a atuação em suas comunidades³¹. Dessa forma, a educação sexual se configura não apenas como um processo de aprendizado individual, mas como

uma prática transformadora que contribui para uma sociedade mais consciente, inclusiva e equitativa³⁰.

Portanto, desenvolvimento de projetos educativos que incorporam os adolescentes como agentes multiplicadores e protagonistas reforça o papel essencial da educação sexual na formação de jovens críticos e conscientes, capacitando-os a exercer uma cidadania plena e responsável. Esses jovens, uma vez empoderados e cientes de sua própria sexualidade e corpo, podem atuar de maneira significativa em suas comunidades, promovendo práticas sustentáveis de saúde e bem-estar.

CONCLUSÃO

A abordagem sociocultural da sexualidade juvenil revela a importância de uma educação sexual integrada e contextualizada no ambiente escolar, que se coloca como um espaço essencial para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos adolescentes. A produção de materiais educativos e folders por parte dos próprios adolescentes, conforme destacado nos resultados, demonstra a eficácia de práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo juvenil, permitindo-lhes expressar e compartilhar informações de forma criativa e colaborativa. Esses materiais não apenas oferecem um meio de disseminação de conhecimento, mas também refletem a diversidade cultural e as vivências individuais dos estudantes, fomentando uma abordagem inclusiva e plural na educação sexual.

Sob a perspectiva de Vygotsky, a adolescência é uma fase onde o pensamento imaginativo e a zona de desenvolvimento proximal se destacam, possibilitando que os jovens transcendam suas experiências imediatas e explorem conceitualmente questões relacionadas à sexualidade e à identidade. A partir dessa visão, a educação sexual deve ser planejada de modo a ampliar o pensamento crítico e criativo dos adolescentes, incorporando suas vivências e promovendo um

ambiente de diálogo e reflexão. Assim, a produção de materiais educativos, orientada pelos próprios adolescentes, não apenas os empodera, mas também estabelece uma ponte entre o conhecimento científico e o saber vivencial, conectando o contexto escolar com a realidade social dos jovens.

A educação sexual, nesse sentido, surge como um pilar fundamental para a promoção da saúde e do bem-estar dos adolescentes, contribuindo para práticas de saúde sustentáveis e fortalecendo sua autonomia e capacidade de tomar

decisões informadas sobre a vida sexual. Ao integrar as diversidades culturais e identitárias dos estudantes, a educação sexual no ambiente escolar respeita e valoriza as múltiplas identidades, criando um espaço onde todos os jovens se sintam acolhidos e respeitados.

Por fim, a educação sexual deve ser orientada para o empoderamento e a autonomia dos adolescentes, promovendo sua participação ativa tanto em seu próprio desenvolvimento quanto na construção de uma sociedade mais justa e respeitosa. Ao reconhecer e valorizar o

potencial criativo dos jovens para pensar e agir de maneira transformadora, o processo educativo se consolida como uma experiência integral e emancipatória. Essa integração da imaginação e da criatividade no processo de aprendizagem prepara os adolescentes para enfrentar desafios e transformar a realidade social, consolidando uma prática educativa que vai além da sala de aula e que se alinha com os princípios de uma educação integral e crítica.

REFERÊNCIAS

1. Vygotsky LS. *The Vygotsky reader*. The Vygotsky reader. (T. Prout, Trans.). Basil Blackwell. 1994.
2. Vygotsky LS. *The Psychology of Sexual Maturation*. In: L. S. Vygotsky's Pedological Works, Volume 3. Perspectives in Cultural-Historical Research, vol 11. Springer, Singapore. 2022. DOI: https://doi.org/10.1007/978-981-19-2972-4_7
3. Torres PL, Irala EAF. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento. Coleção Agrinho. Curitiba: Senar, 2014:61-93. [acesso em 2024 jun 3]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4514719/mod_folder/content/0/Aprendizagem-colaborativa.pdf
4. Affine TA. *The zone of proximal development in early childhood education*. Laurea University of Applied Sciences. 2012. [acesso em 2024 jun 3]. Disponível em: <https://urn.fi/URN:NBN:fi:amk-2012052910588>
5. Nogueira CF. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de educação*, 2001;14(2):0. [acesso em 2024 jun 3]. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37414212.pdf>
6. Alves JM. As formulações de Vygotsky sobre a zona de desenvolvimento proximal. *Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas*, 2005;1(1):11-16. [acesso em 2024 jun 7]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5870383>
7. Vadeboncoeur JA, Padilla Petry P. Sociocultural perspective on adolescence. *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development*, 2019:1-13. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad304>
8. Glanz K, Rimer BK, Viswanath K. (Eds.). *Health behavior: Theory, research, and practice*. John Wiley & Sons. 2015. [acesso em 2024 jun 7]. Disponível em: <https://waynakay.cl/wp-content/uploads/2013/09/healthbehavioreducation.pdf>
9. Alvermann DE. Sociocultural constructions of adolescence and young people's literacies. In L. Christenbury R, Bomer P, Smagorinsky (Eds.), *Handbook of adolescent literacy research*. New York, NY: Guilford Press. 2009:14-28.
10. Kapadia S, Kapadia S. Adolescence: A sociocultural construction. *Adolescence in urban India: Cultural construction in a society in transition*, 2017:39-66. DOI: https://doi.org/10.1007/978-81-322-3733-4_2
11. de Souza Minayo MC, Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada. 2011.
12. Corrêa CRGL. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2017;(21):379-386. [acesso em 2024 nov 12]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702131117>
13. Vasudevan L, Campano G. The social production of adolescent risk and the promise of adolescent literacies. *Review of research in education*, 2009;33(1):310-353. DOI: 10.3102/0091732X08330003
14. Arnett JJ. *G. Stanley Hall's Adolescence: Brilliance*

and nonsense. *History of psychology*, 2006; 9(3):186. DOI: <https://doi.org/10.1037/1093-4510.9.3.186>

15. Goswami S. Adolescence and sex education: Socio-culture and psychotheoretical perspect. *IJRAR-International Journal of Research and Analytical Reviews (IJRAR)*, 2023;10(4):954-962. [acesso em 2024 nov 12]. Disponível em: <https://www.ijrar.org/papers/IJRAR23D2719.pdf>

16. Casey BJ, Jones RM, Levita L, Libby V, Pattwell SS, Ruberry EJ, Somerville LH. The storm and stress of adolescence: insights from human imaging and mouse genetics. *Developmental Psychobiology: The Journal of the International Society for Developmental Psychobiology*, 2010;52(3):225-235. DOI: <https://doi.org/10.1002/dev.20447>

17. Cicchetti D, Rogosch FA. A developmental psychopathology perspective on adolescence. *Journal of consulting and clinical psychology*, 2002;70(1):6. DOI: 10.1037/0022-006X.70.1.6 · Source: PubMed

18. Vadeboncoeur JA, Perone A, Panina-Beard N. Creativity as a practice of freedom: Imaginative play, moral imagination, and the production of culture. *The Palgrave handbook of creativity and culture research*, 2016:285-305. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-46344-9_14

19. Vadeboncoeur JA, Stevens LP. (Eds.). *Re/constructing "the adolescent": Sign, symbol, and body*. Peter Lang. 2005. [acesso em 2024 nov 12]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/0091732X030001239>

20. Vygotsky LS. *The collected works of LS Vygotsky: Problems of the theory and history of psychology*. Springer Science & Business Media. 1987;3.

21. Perosa SL, Perosa LM. Relações entre o modelo familiar estrutural de Minuchin, a conquista da identidade e o estilo de enfrentamento. *Jornal de Psicologia de Aconselhamento*, 1993;40(4):479. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-0167.40.4.479>

22. Buscaglia L. Os deficientes e seus pais: um desafio de aconselhamento. *Jornal de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo*, 1983;20(3):123-123. DOI: <https://doi.org/10.3928/0191-3913-19830501-1>

23. Wong T, Pharr JR, Bungum T, Coughenour C, Lough NL. Effects of peer sexual health education on college campuses: A systematic review. *Health Promotion Practice*, 2019;20(5):652-666. DOI: <https://doi.org/10.1177/15248399187946>

org/10.1177/15248399187946

24. Guzmán CAF, Aguirre AA, Astle B, Barros E, Bayles B, Chimbari M, Zylstra M. A framework to guide planetary health education. *The Lancet Planetary Health*, 2021;5(5):e253-e255. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2542-5196\(21\)00110-8](https://doi.org/10.1016/S2542-5196(21)00110-8)

25. Vigotski LS. Sobre a questão da psicologia da criação pelo ator. *Pro-Posições*, 2023;34, ed0020210085. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0085>

26. Cortella MS, Venceslau PDT. Memória: Paulo Freire. *Teoria & Debate*, 1992;(17):28-40. [acesso em 2024 nov 12]. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1319>

27. Viçosa, C. S. C. L., Santana, E. B., Viçosa, D. L., Lima, Q. C. E., D'Andrea, A. M., Salgueiro, A. C. F., & Folmer, V. (2020). Saúde do adolescente e Educação Sexual na escola: tecituras a partir das perspectivas dos estudantes. *Research, Society and Development*, 9(6), e197963613-e197963613. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i6.3613>

28. Barbosa LU, Pereira JDCN, Lima ADGT, da Costa SS, da Silva Machado R, Henriques AHB, Folmer V. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020;12(4):e2921-e2921. DOI <https://doi.org/10.25248/reas.e2921.2020>

29. Hall WJ, Jones BL, Witkemper KD, Collins TL, Rodgers GK. State policy on school-based sex education: a content analysis focused on sexual behaviors, relationships, and identities. *American journal of health behavior*, 2019;43(3):506-519. DOI: <https://doi.org/10.5993/AJHB.43.3.6>

30. Jang DH, Han HJ, Kellogg D. The ideas of our bodies: Spinoza's monism and Vygotsky's multi-disciplinary sex education (Las ideas del cuerpo: el monismo de Spinoza y la educación sexual multidisciplinar de Vygotsky). *Culture and Education*, 2023;35(2):384-419. DOI: <https://doi.org/10.1080/11356405.2023.2180244>

31. Calgaro M, de Moura CB, Torres SL, de Oliveira, S. A. Educação sexual entre pares por meio do modelo "adolescentes multiplicadores": Estudos Brasileiros. *Ideação*, 2014;16(1):172-187. DOI: <https://doi.org/10.48075/ri.v16i1.9607>